**A HISTÓRIA COMO PEDAGOGIA E A EDUCAÇÃO DO CAPITAL NA PANDEMIA DO COVID-19: UMA CRÍTICA AO MODELO CAPITALISTA DE EDUCAÇÃO**

**INTRODUÇÃO**

O modelo educacional contemporâneo, que está associado a uma educação voltada para atender os interesses do capital, ao invés de emancipar e libertar, acaba por gerar mais exclusões sociais, perpetuando um modelo de opressão. A justificativa nasce da real demonstração do que se quer discutir, problematizar e refletir, logo, faz-se necessário apontar os olhos e o intelecto a este modelo educacional, que mais exclui do que o contrário.

A pandemia do covid-19 tornou ainda mais nítido o problema, assim, o presente artigo se desdobra em analisar criticamente a educação voltada ao capital e evidenciar a importância de se utilizar a história como método de aprendizado. Este estudo pretende demonstrar a necessidade de separação entre educação e capital, além de buscar responder o porquê os indivíduos não devem se tornar reféns do capital e como a forma de internalizar conteúdos pode ser relevante à discussão.

O leitor, portanto, será guiado através de um pensamento que fincou seus pilares nas ideias de Paulo Freire e István Mészáros, além da experiência vivenciada pelo autor deste presente artigo.

Para entregar os objetivos pretendidos, este artigo falará sobre a importância da História e como ela nos serve como forma de ensino-aprendizado; porque o capital tem se interessado tanto pela educação, usando até mesmo acontecimentos históricos cruciais para validar o seu propósito; e porque a saída libertadora da humanidade se encontra em um modelo educacional voltado ao social.

**1. A RELEVÂNCIA DA HISTÓRIA E O PORQUÊ DE UMA EDUCAÇÃO SOCIAL**

 O estudo de história é pertinente em um mundo extremamente material e cada vez mais digital. A pedagogia histórica deve ser entendida como aquilo que ajuda o sujeito a se sentir realmente livre para escolher, e não forçado a isso. Paulo Freire reflete com acuidade sobre o tema em suas obras (FREIRE, 2019). O Ensino de Ciências Humanas também serve para libertar os homens das amarras do mercado. Compreender o passado é respeitar o presente e o ser humano, nunca querendo indevidamente o que não se pode ter. A humildade faz parte da base epistemológica na área de humanas. São apenas subvertidas pelo jogo do capital.

 Conhecer o mundo em que vivemos, respeitando nossas diferenças, se faz também através do estudo de História. A preservação do patrimônio artístico e histórico-cultural da humanidade corrobora o que foi dito anteriormente. Assim como a historiografia e o dever de memória, pois é necessário conhecer e entender os seus diferentes significados para que aconteça a sua valorização. A memória promove o reconhecimento de um fato histórico acontecido trazendo reflexão ao objeto reconhecido. Vale ressaltar, o dever de memória tem um caráter conscientizador para gerações que não tiveram qualquer relação familiar ao objeto histórico em si. E o Ser Humano tem a tendência de valorizar, preservar e respeitar aquilo que conhece. Já o mercado força o esquecimento social daquilo que não gera lucro. O ilustre advento que está na prateleira do shopping hoje, é completo passado amanhã. Por consequência, como agente histórico que o indivíduo é, deve-se estabelecer o papel social para que cada um possa definir aquilo que melhor lhe convém socialmente. Sempre respeitando e acolhendo o próximo. A história detêm uma finalidade social de singular relevância para a sociedade, esclarecendo que liberdade não significa ter, mas ser. Somos porque vivemos, vivemos porque somos alguém em algum lugar.

 É preciso notar que ficou difícil viver em tempos de pandemia. *Ser* sem educação social, do tipo que se reflete para a vida, tem ficado complicado. A exclusividade e a exclusão educacional na pandemia do covid-19 torna a desigualdade brasileira um problema maior do que era antes. E quem poderia imaginar um cenário ainda pior por aqui? A pandemia veio para escancarar ainda mais a desigualdade sociocultural. Com o vírus solto no ar ficou evidente que para estudar precisa se estar minimamente inserido no mundo digital. No entanto, há casas onde faltam computadores, internet e até comida. Como colocar na balança uma residência com ar condicionado, uma tela digital por pessoa e comida balanceada, contra aquelas que tiveram que diminuir as refeições. Com as escolas públicas abertas é lá que as crianças fazem a principal refeição. São muitas as crianças passando fome, longe das escolas e à mercê das mazelas sociais.

Uma educação social nunca se fez tão pertinente. A desigualdade educacional é oriunda também dessa desigualdade nas relações sociais e econômicas. Estar atento ao mundo e com o mundo, como Freire (2019, p. 57) aborda em sua obra *Pedagogia da autonomia*, deve ser tema de reflexão:

Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserir em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, *estar no mundo* necessariamente significa *estar com o mundo* e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

É na inclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inclusão é que gerou sua educabilidade.

A transformação educacional, no qual o aprendizado crítico-reflexivo e social deve estar no lugar de práticas copistas e de memorizações, precisa ser considerada como uma alternativa à fome neste país. É imprescindível que a educação seja abrangente. E a sua amplitude depende de uma internalização educacional social, e não meritocrática. Precisa-se modificar a estrutura educacional.

Aeducação do capital é uma forma excludente de educação, é o modelo educacional voltado ao capital e seus interesses (LIBÂNEO, 2013). É o tipo de educação que atende aos propósitos do mercado e não aos seres humanos. Por consequência, exclui indivíduos de sua estrutura social. Privilegia os detentores do capital em detrimento daqueles que disponibilizam a maior parte do seu tempo com o trabalho. É da educação do capital que se forma a massa que trabalhará pela manutenção do sistema atual. Com privilegiados numa ponta e o povo na outra. Enquanto de um lado se dedica tempo exclusivo ao trabalho como forma de sustento, do outro se explora estes trabalhadores para que se tenha capital suficiente para suprir a falta de tempo. O trabalho excessivo passa a ser o passaporte para a exclusão educacional dos não detentores do capital. Por sua vez, os que os exploram têm para si e seus familiares os meios necessários educacionais, ainda que muitos também não tenham tempo.

 Mas o que parece ser difícil de compreender é que nem um e nem outro estão em harmonia com a sociedade ou com o ambiente. Pelo contrário, estão favorecendo o capital e se desumanizando. Servem-se de praticidade e de bens de consumo. Uma parcela pensa existir porque compra e usufrui das mais capacitadas instituições de ensino, que estão cada vez mais a serviço do capital. Assim, se perpetuam nas camadas mais elevadas da sociedade. Desfrutam disso às custas dos que pensam existir porque comem. A parcela que come e trabalha para sobreviver ilude-se ao desejar essa praticidade, bem como esse consumo desmedido. No topo ou não, a humanidade está deixando de existir. Deixando de sentir, de ser. Mas sabe-se que existe uma solução e essa solução encontra-se na educação.

O golpe derradeiro do capital, no qual sequestraria todo e qualquer sentido de liberdade, pluralidade, contemplação e observação reflexiva, se dará quando este conseguir transformar a educação em mais um bem de consumo. Consumir a educação com o falso propósito de entrar na ciranda do capital seria, em última instância, o xeque-mate contra a humanidade. O capital triunfaria alegremente ao dissolver as genuínas intenções da educação com a sociedade. A educação do capital já nasceu! Mas ainda não se transformou no que pode impedir a sociedade de se libertar. A educação necessita de uma transformação para se empenhar socialmente. István Meszáros (2008, p. 114) fez o alerta em sua obra *A educação para além do capital:*

Assim pela primeira vez no curso da história humana espera-se que os indivíduos se tornem realmente *conscientes* de sua parte no desenvolvimento humano com a relação tanto a seus *objetivos transformadores abrangentes* possivelmente plausíveis quanto à *escala temporal* de seu próprio envolvimento real e contribuição específica ao processo de mudança de suas sociedades. Nesse sentido, a consciência e a autoconsciência dos indivíduos particulares quanto a seu papel como indivíduos sociais responsáveis - sua consciência clara de sua *contribuição específica imediata*, mas escolhida de forma autônoma, à transformação *oniabrangente* contínua - é uma parte *integrante e essencial* de todo êxito possível.

Somente nessa perspectiva eles podem se tornar completamente cientes da importância vital de seu próprio *tempo disponível*, como ‘produtores livremente associados’. Essa é a única maneira pela qual podem autonomamente dedicar seu tempo disponível - que é simultaneamente seu *tempo histórico real* como indivíduos sociais particulares capazes de obter sociometabólica qualitativamente diferente, bem como historicamente sustentável.

O tempo do ser humano na terra é precioso demais para ser gasto com efêmeros prazeres. Neste sentido, a educação social tem a capacidade de transcender determinando valores que são essenciais à vida sociocultural. A essencialidade da vida não tem conexão com o capital, mas com as relações humanas e sociais. A preservação de uma educação voltada ao social, bem como a sua internalização crítico-reflexiva, conduzirá à libertação da humanidade de uma educação opressora, que perpetua esse modelo estrutural de atendimento aos interesses do capital. (FREIRE, 2019) A educação voltada ao social é a última e também a melhor saída contra a barbárie que se pretende a educação do capital*.* Mas formar para quê e para quem parecem ser a pedra fundamental deste presente artigo

 E a História caminha de mãos dadas com uma intenção social das relações humanas. Ao ensinar história, o elemento histórico de ensino em questão se mistura com uma forma pedagógica de ensino-aprendizado, e o seu dever é social. Mas foi só a partir de relatos históricos, e também com a sua historiografia, que o ensino-aprendizado foi se aprimorando. A história serve como forma de ensino, isto é, como elemento pedagógico, posicionando a historicidade do homem no mundo e conectando-o à realidade em que vive (BORGES, 1993).

Partindo do princípio de que a História é o ofício do historiador, sendo o Homem o seu objeto principal, isto é, aquilo em que ele vai trabalhar, se debruçar, pode-se dizer que ao ensinar história também se fala um pouco da vida (BLOCH, 2001). Seja em um estudo, em uma investigação ou em uma análise, a vida remete a tudo que é do Homem.

Aquilo que somos hoje, nada mais é do que a soma de tudo que aconteceu até o presente instante. E os homens, desde os seus primórdios, sempre necessitam de explicações (BORGES, 1993). Ainda que um sujeito em seu pleno direito de liberdade, estando só em algum canto do planeta, descubra algo sozinho, ele próprio buscará uma maneira de esclarecer-se. Explicar a si mesmo como alcançou aquela novidade trará paz a sua consciência. Tranquilidade ao seu sono e confiança para seguir adiante.

A educação também tem esse papel de nos dar confiança e clareza, pois não se trata apenas de entender, mas de compreender. De usar um conceito, uma explicação, de modo que lhe faça refletir e decidir sobre o mesmo com o mundo, com as pessoas (FREIRE, 2019). E como conceitos são mutáveis, porque se movem de acordo com as interpretações, carregando consigo as mais diferentes culturas, credos e desejos, entender a importância da História é, de certa forma, entender e respeitar um pouquinho de cada um de nós.

 Como vimos acima, para se aprender, para se ensinar alguma coisa e até mesmo para se assimilar melhor um método de observação, o homem, este como figura central de seu mundo, necessita de uma explicação, de uma averiguação. Por isso o homem faz uso de intermináveis metáforas, pois ela transgride a realidade estática. O ser humano sente conforto dando nomes aquilo que vê (NIETZSCHE, 2001). E mesmo ao que se vê, este também é capaz de reconfigurar o seu significado no intento de dar outra explicação, ainda que use uma palavra para algo que não era de fato aquilo. Quando alguém diz: *“dei uma topada no pé da mesa”* sabe-se que o ‘pé da mesa’ não é como o nosso. Os significados adquirem conceitos que ajudam a nossa interpretação, e também ao entendimento daquilo que estamos a interpretar. E o modo interpretativo é singular e inerente a cada um também.

Portanto, vale reparar que a história caminha junto com a verdadeira necessidade de interpretação (HOBSBAWM, 2013). De esclarecer e de averiguar qualquer coisa ou instante que seja. A história de um homem nasce e cresce, tal como brota e floresce a sua cultura. Com o vigor e a beleza de uma flor que nasce no campo. Com vivências, aprendizados, observações e ensinamentos que o acompanharão até o final de sua vida, e assim por incontáveis gerações. A história nos auxilia no aprendizado geral das coisas, tanto que hoje em dia se estuda a história dos mais variados segmentos e particularidades. Quando se faz necessário aprender qualquer coisa que seja, desde o seu princípio, é preciso conhecer a história daquilo que deseja investigar. Saber como o conteúdo de seu estudo teve origem, lhe dará segurança e embasamento para realizar a sua tarefa. E tudo e qualquer coisa no mundo estão em constantes movimentos interpretativos. O ser humano é interpretação, ele se move a todo instante (NIETZSCHE, 2001). Logo, a história é tudo aquilo que nos faz *ser*.

 O historiador Le Goff (1990, p . 535) na obra *História e Memória* constata que “A memória coletiva e a sua parte científica, a história, aplicam-se a dois tipos de matérias: Documentos e Monumentos”.

É possível notar a relação dos relatos com a memória social, assim como da importância que o relato testemunho exerce no espírito social daqueles que naquela sociedade habitam e compartilham interesses (LE GOFF, 1990). E dependendo do seu conteúdo, essa onda interpretativa pode atravessar culturas, credos e limites geográficos. É de se notar, portanto, a relevância da historiografia e o seu papel social também. Ela permite ao historiador investigar o passado, conectando diálogos com o presente através do documento em análise. Documentos ganham vida nas mãos dos historiadores. Conversam de forma crítica e respeitosa entre si.

Ainda que hoje se fale da História da natureza, ou de qualquer outra coisa, sem o ser humano e seu intelecto não se pensaria em História como ciência em nenhuma circunstância ou área. Repare como são íntimos! A relação da História com tudo que o homem fez, faz e irá fazer está intimamente ligada à História, sendo esta o objeto do historiador, pois, como se sabe, o Homem é o objeto da História. A História nos serve como pedagogia humana, e vice e versa, desde a revolução cognitiva! Cria-se mecanismos de aprendizado desde que o homem desenvolveu novas formas de pensar, há mais de 30 mil anos atrás (HARARI, 2020). Os homens, carregando suas culturas, conhecimentos e memórias de vida, buscam melhores caminhos e soluções para o seu modo de viver semeando, justamente, novas histórias.

 Sendo assim, o impacto da História na vida cotidiana do homem é imensurável, assim como é a História como forma de ensino. Ela nos revela uma forma de pensar, de refletir e de compreender o outro. O seu objeto percorre todo o caminho histórico, pois é daí que se faz História. Por consequência, deve-se ter ressalvas com estilos pedagógicos que tragam uma análise copista ou de memorização. As diferentes interpretações devem caminhar com a capacidade crítica de reflexão. O entendimento do indivíduo em seu contexto, que observa acerca de seu processo sociocultural, deve ser percebido como algo satisfatório coletivamente (FREIRE, 2019). O acolhimento e a emancipação estão em pauta nesse caso. É preciso ter a devida atenção com a banalização de valores, com a ganância do lucro desmedido e com filosofias cegas de cunho estritamente econômico e autoritário. Estes não devem interferir no brilhante ato de se ensinar também para a vida.

 A estrutura social é influenciada pelo seu tempo histórico, e tudo que a sociedade interpreta como bom ou ruim faz parte de sua engrenagem. O pensamento da atualidade é bisneto de discursos passados. O cenário geográfico deste tempo é consequência de anos de mudanças climáticas, somadas às interferências do homem. Saber como se chegou até aqui, com inúmeras tragédias e triunfos naturais e humanos, faz o indivíduo discernir um caminho que respeite o indivíduo ao lado. Sozinho ou em grupo, parado ou em constante movimento, o Ser Humano é uma reconstrução contínua. E a História também.

No entanto, a frenética busca por resultados e o método de selecionar pessoas, que cada vez mais se parecem uns com os outros, não parece trazer benefícios à população em geral (BAUMAN, 2013). Talvez a alguns poucos, mas não a grande maioria. Esta, por sua vez, cada vez mais adoece física e mentalmente, pois se torna obrigada a obter e ser aquilo que lhe é vendido como ordem social. A moral do homem tem sido abatida a golpes de foice na alma e no psicológico, quando este se sente pressionado a *ser* e *ter* o que o ‘vizinho’ ao lado têm. Hoje o indivíduo ocidental é cada vez mais parecido, tendo as mesmas posses materiais, ainda que habitem diferentes países. O mercado não ama as mídias sociais à toa, elas romperam com essas barreiras. O que se vende nos dias de hoje já não são mais projeções de vida, e sim padrões autocráticos, porque desta forma governa-se melhor. O capital circula com mais voracidade quando o próprio estabelece os padrões. Pessoas que pensam de uma mesma maneira, se vestem de um modo único e possuem os mesmos objetivos de vida, rendem mais ao mercado. Primeiro porque dão menos trabalho e segundo porque são menos custosos, sobrando mais tempo para ir às compras.

Keith Jenkins em *A história repensada* (2017, p. 51) diz algo sobre poder e emancipação histórica. Talvez ele tenha, num mesmo parágrafo, apontado o seu problema e a sua solução:

Porque o conhecimento está relacionado ao poder e porque, para atenderem a interesses dentro das formações sociais, os que têm mais poder distribuem e legitimam tanto quanto podem o “conhecimento”. A forma de escapar ao relativismo na teoria é analisar assim o poder na prática. Por conseguinte, uma perspectiva relativista não precisa levar à desesperança. Ela é o começo de um reconhecimento geral de como as coisas parecem funcionar. Trata-se de uma emancipação: de modo reflexivo, você também pode produzir história.

Será que fazer história seria se levantar contra a *ordem atual*? Parece que as instituições de ensino são bons lugares para se observar. São nelas, e em suas concepções pedagógicas, que se edificam as ordens sociais futuras. E uma boa primeira medida seria garantir qualificação profissional e salarial adequadas aos nossos mestres. Além de ambientes qualificados e seguros de trabalho, pois estes formam as vestes do amanhã.

A História também lembra a humanidade que precisa-se sentir, antes de ser alguma coisa. Quem é o que, afinal de contas, se não um indivíduo como outro qualquer? A moral imposta socialmente é aquilo que serve para vigiar os homens perante o mercado. E não é o mercado que nos observa de perto como em tempos passados. Esse jogo está mudando, refletir é preciso, ter criticidade é pertinente. O Ser Humano vigia o mercado sem ter ideia de que isso é uma estratégia que o engana diariamente. A liberdade é forjada nas mais variadas mídias básicas onde, aí sim, muitos têm acesso.

Isso tudo porque necessitasse tanto da História como elemento pedagógico, quanto da pedagogia como elemento histórico dos saberes. Precisam ter estudos distintos, métodos próprios e formações superiores que tornem seus alunos melhores em suas profissões e vidas, porém servem simbioticamente um ao outro. Muito mais do que se possa pensar! Imaginem um caçador-coletor há 40 mil anos atrás onde seus dias se resumiam a caçar. (HARARI, 2020) Imaginem que este estivesse atingindo uma idade em que o faz natural ensinar aos mais jovens caçadores-coletores a caça. Certamente, o que este caçador-coletor ensinou aos mais jovens trouxe em seus ‘métodos de ensino’ fatos, e até mesmo provocações, que gerações anteriores não o ensinaram.

 Os elementos históricos, e tudo que se aprende com eles, servem como novas metodologias de ensino-aprendizagem. A experiência histórica é crucial para a educação. E eis porque a educação se tornou refém do capital fluído e voraz (BAUMAN, 2013). Este acabou por asfixiar a maioria das instituições educacionais a fim de obter ensinos epistemológicos que sirvam a ele, e nada mais. Quem passa a reproduzir a experiência é o capital. Não é demais lembrar, quem controla o capital controla a desigualdade, a indiferença e as tendências mercadológicas. Direta ou indiretamente, é assim que funciona.

O mercado legitimou o ensino como a força de seu trabalho, onde, sem dúvida, melhorou as relações produtivas em larga escala, globalizando produtos e instaurando no indivíduo a lógica do consumo, do trabalho ininterrupto e de um ideário nunca alcançado. O capital pegou a sua melhor carona na Revolução Francesa, na Escravidão e na Revolução Industrial. Ficou em silêncio e, sempre que pode, alimentou o seu ‘modo de ser’. O mundo aceitou e ‘comprou’ essa filosofia como algo libertador e justo. Imaginou-se que traria igualdade e ‘progresso’ à humanidade. Mas o que é o ‘progresso’ se não um confiante slogan fincado em terreno fértil a ser explorado pelo capital? Por outro lado, o mercado vem ao longo das últimas décadas neutralizando e sufocando uma forma crítico-reflexiva de se pensar, para que o mundo continue engolindo essa filosofia.

A Revolução Francesa colocou o Ser Humano, com o grato empurrão do Iluminismo, como centro do universo liberto das amarras do Estado e do pensamento religioso do passado. O absolutismo veio abaixo e o indivíduo ganhou papel de destaque na sociedade. Por sua vez, com o cego lucro em horizonte, a Escravidão e o tráfico de milhares de africanos, indígenas e outros povos ao longo de quase 400 anos, com o seu desleal genocídio, criou uma submissão de classes e uma mão de obra forçada. Os negros e os indígenas sofrem até hoje com um racismo estrutural, que deságua numa desigualdade desproporcional em suas raças, em suas famílias. Já a Revolução Industrial criou meios de produção que ditou uma drástica mudança na forma de se consumir, tendo uma notável aceitação ocidental. É o adoecimento da humanidade.

Desde então, os indivíduos vêm sendo excluídos de uma reflexão adequada às novas tendências. As mudanças aconteceram aos poucos, porém logo tomou a forma acelerada das máquinas. Atualmente a praticidade começou a dar lugar às teorias. Mas as teorias se tornaram reféns tempos depois. Hoje em dia, e isso aconteceu fortemente após as duas grandes guerras e a consolidação inevitável das máquinas e do consumo no século XX, as práticas ‘adequadas ao capital’ mantêm as teorias emancipadoras e sociais encarceradas sob forte vigilância. Paulo Freire (2019, p. 28) é novamente preciso quando observa:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetivos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.

O caráter explorador do capital com indivíduos entregues aos bens de consumo e ao descarte elevado - leia-se descarte material e humano - têm em vista uma educação como investimento estritamente profissional e não pessoal. Pouco se utiliza o conhecimento para a reflexão de causas nobres, tampouco para a observação, a inquietude e a criticidade do meio ou a sua preservação. O que vemos é uma luta pelo que chamo de ‘*diploma funcional’.* Se forme a qualquer custo e ganhe o seu diploma funcional. Pronto, estará livre! Ou será que não? A educação emancipadora e longe das amarras do capital, como propõe Freire e Mészáros, é aquela em que proporciona verdadeira liberdade ao ser humano. Em que o capital não aprisiona o indivíduo e o social é visto como primordial.

Contudo, o que se propõe cada vez mais são sujeitos práticos, com conhecimentos teóricos rasos, pois assim se produz e se consome mais. A epistemologia e a erudição estão cada vez mais nas mãos dos mesmos poucos, e seus descendentes, que ditam as regras e as funcionalidades socioculturais. Ainda que se dedique tempo em boa parte das instituições educacionais aos grandes pensadores sociais, o que vale no final das contas é alcançar a meta. Passar em uma prova se tornou como a meta alcançada no mercado de trabalho ao final do mês. São metas que se valorizam e para isso se empenham estudantes e profissionais das mais diferentes áreas. O capital é voraz e não tem corpo único. É como um camaleão dissimulado. Ele é escorregadio, desonesto, e se infiltra em todos os cantos. Provavelmente, ele está a vigiar quem dedica reflexão ao presente artigo. Ele adquire força e amplitude com o medo, por isso se espalha tão rápido.

Por mais que notórios educadores e pensadores façam incríveis manifestos, se unam em prol de mudanças neste cenário, logo se veem refém de um mercado que para eles também é necessário. Os cursos básicos e superiores se iniciam tentando quebrar esse formato ideológico, mas logo se transformam em um grande conglomerado de mercado também. O sujeito liberto e centro do mundo, se vê refém de um padrão mercadológico infinito. O contraditório é saber que este infinito empurra o homem, e o meio em que vive, cada vez mais para o seu fim. Daí o porquê de nos dias atuais haver o questionamento sobre a importância da História como ciência e dos novos rumos pedagógicos. E isto deve nos levar a reflexão. O tema merece a devida atenção! Se no primeiro caso se propõe uma dissolução de sua prática, ou até mesmo a sua união com outras Ciências Humanas, relegando os a um nível único - leia-se desprezível - e superficial de ensino. No segundo caso o que se propõe são métodos de ensino onde a prática deve se sobrepor às teorias, pois se alcançam mais metas.

Seguindo o novo e bem atual lema americano *“less is more”,* menos passou a significar mais. Mas cuidado, o reverso da roda está diante de nós, porém a sua visibilidade é distorcida. Se os meios de produção são capazes de fabricar numa escala gigante nunca antes vista e vivida pela humanidade, o importante é ter pouco conhecimento para se produzir mais. Isso facilita os infinitos e descartáveis bens materiais. O pouco aqui é o ganho intelectual e epistemológico. É preciso ler nas entrelinhas, toda facilidade deve ser refletida como algo de acesso adequado raro. Em contrapartida se têm cada vez mais instituições de ensino com mais e mais conteúdos práticos (re) produzindo alunos que mais se parecem entre si. Todos querem o que o sujeito ao lado possui, pois assim se ganha aceitação social. Já vimos a sua importância acima. Recorrendo uma vez mais à Istvan Mészáros (2008, p. 43) em *A educação para além do capital*, ele lembra que:

As determinações gerais do capital afetam profundamente *cada âmbito particular* com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas as instituições educacionais formais. Estas estão estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com as *determinações educacionais gerais da sociedade* como um todo.

 O capital é forte e sabe provocar afogamentos sociais em massa com sua poderosa máquina de marketing. E os homens contemporâneos aceitam isso como certeza de liberdade, sem se dar conta de que na verdade estão se tornando servos institucionais. A servidão foi colocada em outro patamar, é preciso ter diploma para estar sob o domínio de alguém. Aceita-se a servidão mercadológica como forma de livrar-se da pobreza achando que isso é bom. Enxerga-se a condição de servo, isto é, como dependentes do mercado, que é a personificação do ‘senhor medieval’, como algo maravilhoso (ROUSSEAU, 2019). É gratificante ser assim. É admirável estudar para ganhar mais e não para compreender mais, para refletir mais, ou tampouco se inquietar mais.

A História nunca foi tão importante, pois quase não se observa hoje em dia. A contemplação está sendo sepultada. Se faz necessário preservar as teorias sem a sequer remota opinião do capital, para que haja a preservação de todos tal como são, e como desejam ser. Precisa-se qualificar a humanidade com saberes justos e plurais para a preservação do nosso meio.

O mercado consegue totalizar os seus desejos quando transforma o ensino em uma grande educação do capital. Este é o maior golpe a ser dado pelo capital. Um golpe do qual não teremos mais saída, por isso o tema deve tocar a todos. Este é um golpe que está em curso neste momento. Talvez em estágio avançado, mas ainda há tempo! Um honrado levante social com humildade, alma, inquietação, criticidade e coração para mudar a forma de internalizar conteúdos, deve estar em pauta. Nossos professores devem ser educados para isto, pois ensinarão futuros educadores com esse propósito. O mundo atual, e a forma instaurada de pensar só muda através da educação. Logo, uma educação social, plural, com caráter de preservação e restauração humanitária se faz pertinente. A educação precisa ser social e libertadora, do contrário não há transformação de internalização (MÉSZÁROS, 2008).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ensinar socialmente se tornou vital aos educadores, pois este é o verdadeiro conceito que abrange nossas relações com os outros, e com a sociedade em que vivemos. E sem a transformação de internalização de conteúdo continuaremos reféns. Para que seja extensa, e abrace a todos sem indiferença, a educação precisa ser, antes de qualquer significativo dote intelectual, social (MÉSZÁROS, 2008). Assim será ampla, contemplativa, libertadora e crítico-reflexiva. A mais pura e positiva educação deriva do olhar humilde e sincero aos mais vulneráveis, às minorias e ao meio-ambiente que clama por ajuda. Porém só se discute liberdade quando retiramos da mesa a possibilidade de adquirir mais capital. Só se pauta a liberdade quando se enforcam as políticas do *“less is more”*. Tendo isso mantido no controle, estamos *livres*, ou seja, o sentido de liberdade está aprisionado ao controle do capital.

Hannah Arendt (2018, p. 38) flagrou essa transgressão quando escreveu *Liberdade para ser livre*: “Essa nova liberdade, baseada na libertação da pobreza, mudou tanto o curso quanto o objetivo da revolução. Liberdade, agora, passou a significar antes de tudo “roupas, alimentos e a reprodução da espécie”.

Esse doloroso momento da pandemia, onde nem mesmo abraços consegue-se dar, deve direcionar olhos e pensamentos à educação e o seu propósito humanitário. Uma educação que se paute pelo social e não pelo capital, é primordial. Que reflita o bem-estar sociocultural em que se vive visando a sua valorização. Que abrace as minorias, que respeite a pluralidade humana e que em harmonia espante a exclusão educacional. Se o objeto da História é o homem, então que o abracemos com merecido destaque. Que lembremos das mazelas passadas com apreço pela mudança interna, e que recordemos dos triunfos vividos com intuito de aprimorar o futuro. Que a interpretação histórica carregue consigo humildade suficiente para acolher, incluir e preservar as relações sociais. Uma educação social coerente parte de princípios assim. Com o vigor e a beleza de uma flor que nasce no campo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARENDT, Hannah. **Liberdade para ser livre**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. Verdade e mentira no sentido extramoral. Apresentação por SOBRINHO, Noéli C. M. In: **Revista Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 5-23, jul./dez. 2001. Disponível em <<http://imediata.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf>> Acesso em 06.mai.2021

ROUSSEAU, J.J. **O contrato social.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.